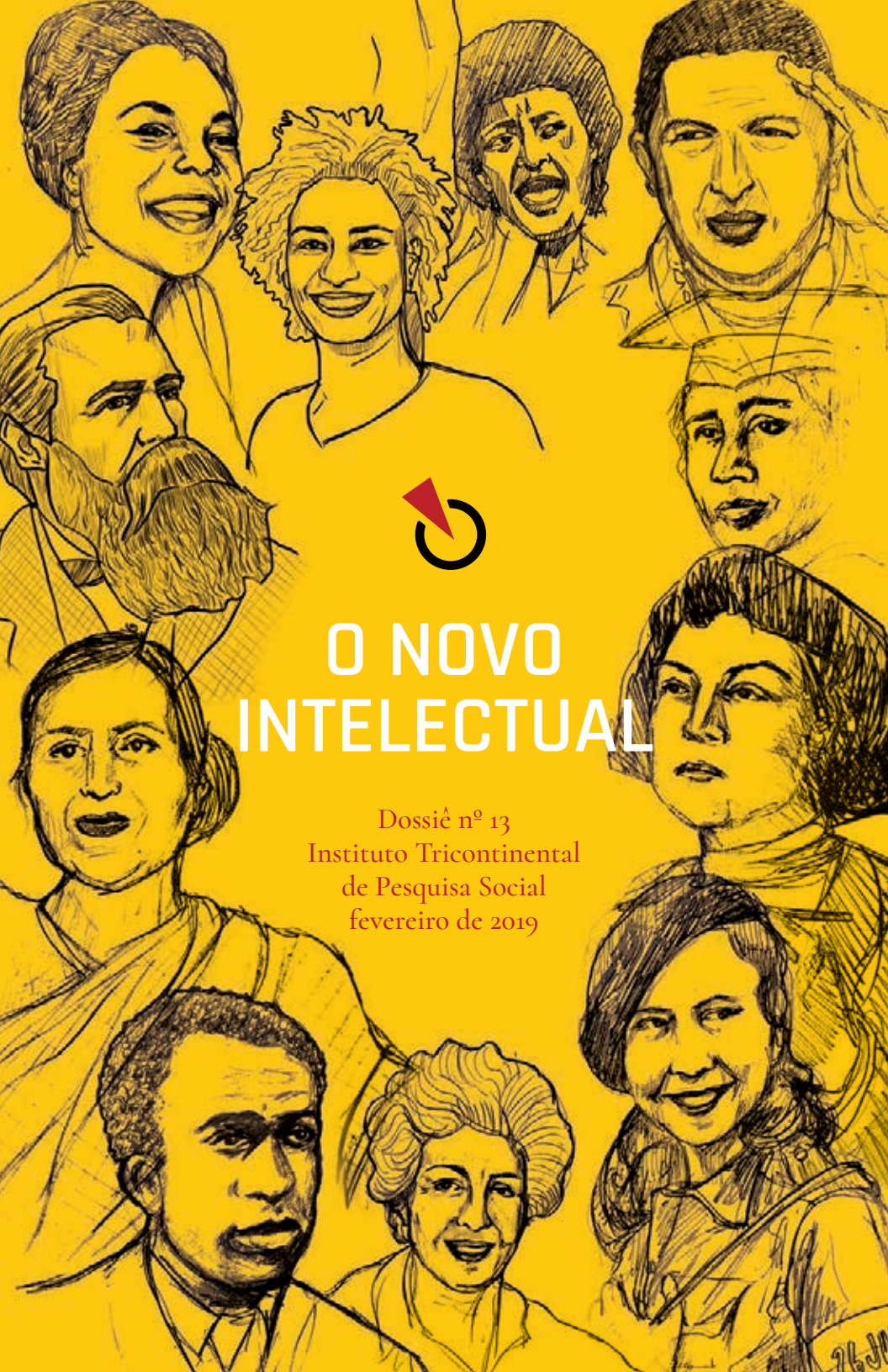


O NOVO INTELECTUAL

Dossiê nº 13
Instituto Tricontinental
de Pesquisa Social
fevereiro de 2019

Onde quer que você olhe, há o abismo. Crises econômicas intratáveis, problemas sociais e ambientais sentidos profundamente atravancam o planeta que está sob perigo de catástrofes climáticas. O liberalismo estremece diante desses problemas, tendo se rendido ao capitalismo monopolista décadas atrás. Os Homens Fortes – Putin, Erdogan, Duterte, Trump, Modi – apresentaram-se como salvadores, seja nos Estados Unidos, no Brasil, nas Filipinas ou na Polônia. Novas ideias parecem difíceis de serem encontradas, particularmente as que gerem esperança no futuro. É nesse contexto que nós – do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** – estamos trabalhando. Neste nosso 13º Dossiê, fornecemos uma breve avaliação de nossa compreensão sobre nosso trabalho, nossa participação na batalha de ideias e nosso compromisso com a produção de novos intelectuais. Esses dois assuntos – a batalha de ideias e o novo intelectual – ocupam as duas primeiras partes deste texto. A terceira parte entra em uma breve discussão sobre nosso contexto político e oferece um mapa de nossas preocupações e de nossas pesquisas. Aguardamos a sua resposta ao nosso convite para um diálogo.

Imagem de capa (sentido horário, a partir do canto superior esquerdo): Andrée Blouin, Marielle Franco, Winnie Madikizela-Mandela, Hugo Chávez, Anna Julia Cooper, Alexandra Kollontai, Vilma Espín, Anahita Ratebzad, Frantz Fanon, Godavari Parulekar e Friedrich Engels.

Parte I: A batalha das ideias.

Alexandra Kollontai

Em 1999, Fidel Castro, de Cuba, apresentou o conceito da "Batalha das Ideias" ao público. Dois desenvolvimentos paralelos obrigaram Castro a iniciar uma campanha pública sobre a noção de ideias e moralidade: o colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e seu impacto sobre Cuba.

(1) O colapso da URSS.

Em 1991, a URSS, que havia surgido com a Revolução de Outubro de 1917, dissolveu-se. Com o colapso da União Soviética, os Estados Unidos e seus aliados pareciam ser os vencedores de uma luta titânica para definir o caminho da humanidade. Naquela época, um jovem funcionário do Departamento de Estado dos EUA, Francis Fukuyama, usou sua compreensão de G.W.F. Hegel (1770-1831) para dizer que havíamos entrado em um novo período: o "fim da história". Nenhum novo caminho era possível. O presente iria durar para sempre. Os elementos do presente, essenciais para Fukuyama eram:

(1) Uma ordem mundial em que os EUA e seus aliados eram as forças dominantes.

(2) Políticas de livre mercado que assegurariam a permanência do capitalismo monopolista.

(3) O formato da democracia liberal deveria ser exportado

para países que ainda continuavam sob autocracias e monarquias.

O marxismo foi posto de lado por Fukuyama e outros, e deveria ser tratado como um anacronismo. O socialismo e o comunismo, eles diziam, foram derrotados na Guerra Fria. O colapso da União Soviética, para eles, foi essencialmente a rendição da grande batalha histórica que se abriu com as revoluções do século 18 na França (1789-1799), no Haiti (1791-1804) e nos Estados Unidos da América (1775-1783). Essas revoluções, argumentaram os hegelianos do século 20, iniciaram um debate entre as ideias de liberdade e igualdade. A ideia de liberdade sugeria que os indivíduos devem ser mantidos a salvo da intervenção do Estado, enquanto a ideia de igualdade sugere que todos os instrumentos (incluindo a intervenção do Estado) devem ser usados para criar um mundo mais igualitário. De uma maneira crua, as forças da igualdade (ou seja, aquelas que lutaram para construir o socialismo) haviam perdido, no início dos anos 1990. Enquanto as forças da liberdade (ou seja, aquelas que queriam permitir que o capitalismo corresse livremente) haviam triunfado.

Nesse contexto da vitória dos Estados Unidos – por assim dizer – Castro disse que a nova era forçou a esquerda a entrar numa batalha de ideias e a contrapor-se aos neoliberais que queriam criar um mundo que seria o playground dos proprietários. As ideias da burguesia, disse Castro, são asfixiantes. Eles assumem que a sociedade é inteiramente dominada pela ganância, e que a maximização do lucro – o ápice emocional do empresário –

pode descrever todo o comportamento humano. Eles acreditam, disse Castro em Caracas (Venezuela), que os seres humanos são animais "movidos apenas por uma cenoura ou quando chicoteados". Os neoliberais não veem que os seres humanos são complexos, que amamos e nos importamos, que pensamos e consideramos. Era neste nível que precisávamos intervir – disse Castro – tanto politicamente como geopoliticamente. As portas da academia lentamente se fecharam para o mundo do marxismo e para outras teorias emancipatórias. Foi nesse contexto que Castro e o governo cubano lançaram a Batalha das Ideias, uma luta para defender a criatividade e a criticidade do marxismo. Foi para argumentar – e aqui Castro citou seu herói José Martí – que a trincheira de ideias é tão importante quanto a trincheira de pedras, que as lutas dentro das várias instituições culturais e intelectuais são tão importantes quanto as lutas nas ruas.

(2) O impacto em Cuba.

A queda da URSS colocou desafios muito difíceis para Cuba. Basicamente, a ilha dependia dos soviéticos para importar trigo e arroz. Com o colapso da URSS, o acesso de Cuba à farinha de trigo diminuiu, enquanto as exportações de açúcar cubano para a URSS e outros países do bloco oriental caíram significativamente. Em 1991, o novo presidente da Rússia, Boris Yeltsin, acabou com toda a assistência a Cuba. As importações da ilha caíram pela metade entre 1990 e 1993, enquanto o

26 JULIO

Produto Interno Bruto encolheu 35%. Foi uma catástrofe. No 4º Congresso do Partido, em setembro de 1991, Castro disse a seus companheiros que o desmoronamento da URSS impossibilitava o cumprimento de 42% de seus contratos. Isso impactou a manutenção das máquinas e a entrega de farinha às padarias. A URSS e os países da Europa Oriental, que anteriormente haviam fornecido seus navios para transportar produtos cubanos (cítricos e açúcar) para a Europa e para a URSS, com base em solidariedade, agora pediam pagamento em moeda forte. Isso era impossível. O embargo dos EUA endureceu e a ilha ficou cada vez mais isolada.

Foi nesse contexto difícil que Cuba entrou no chamado Período Especial em Tempo de Paz. O Período Especial tinha como intenção enfatizar a necessidade de novas políticas e sacrifícios profundos, a fim de afastar qualquer dependência da URSS e da Europa Oriental e alcançar maior autonomia econômica. As novas políticas iam desde a criação de uma maior autossuficiência em alguns setores até uma maior dependência da assistência econômica externa (incluindo o turismo) em outros. Os destaques positivos do Período Especial podem ser vistos na promoção da agricultura agroecológica autossuficiente, na criação de novas instituições para aproveitar o meio ambiente sem destruí-lo (incluindo o extenso recife de coral de Cuba) e no incentivo à utilização de recursos renováveis para fornecimento de energia. Mas isso não foi suficiente para cobrir a crise fiscal imediata no país. Assim, por necessidade e contra suas próprias crenças, Cuba teve que promover o turismo e a mineração.

^ Vilma Espín

Castro e o governo cubano não encontrariam uma solução permanente para a vulnerabilidade econômica da ilha – cercada pelo embargo dos EUA e incapaz de encontrar aliados globais com os quais negociar com base na solidariedade. A Batalha de Ideias forneceu um mecanismo para estimular a ação pública contra a confusão ideológica provocada pelo turismo, pela extração de recursos e pela miséria econômica. A Liga dos Jovens Comunistas assumiu a liderança, defendendo os valores comunistas através de lutas de massas para esclarecer o papel do imperialismo no sufocamento de Cuba. Mobilizações como a campanha para libertar os Cinco Cubanos (realizada em Miami sob a acusação de espionagem) e a campanha para trazer Elian González de volta a Cuba ecoaram na juventude cubana.

Em 1991, Castro disse ao jornal mexicano *Siempre* que o socialismo era mais do que soluções para a privação material, e que a URSS falhou em não travar uma Batalha de Ideias,

> Eu não acho que essas mudanças tenham sido historicamente inevitáveis. Eu não consigo pensar assim. Não posso adotar essa abordagem fatalista, porque não penso que o retorno ao capitalismo e o desaparecimento do campo socialista fossem inevitáveis. Eu acho que fatores subjetivos desempenharam um papel importante nesse processo. Houve todos os tipos de erros, por exemplo, o divórcio das massas. Se nos aprofundarmos nesse assunto, diríamos que havia grandes fraquezas ideológicas, porque as massas se afastaram dos ideais do socialismo, entre os

> quais a solidariedade humana é a principal. Os valores reais do socialismo estavam sendo negligenciados, e as questões materiais receberam mais atenção com o passar do tempo. A parte ideológica desse tipo de processo estava sendo negligenciada, enquanto a parte materialista era enfatizada. De repente, parecia que o objetivo do socialismo, de acordo com as declarações, discursos e documentos, havia se concentrado apenas na melhoria do padrão de vida da população ano após ano: um pouco mais de tecido, um pouco mais de queijo, um pouco mais de leite, um pouco mais de presunto, mais coisas materiais. Para mim, o socialismo é uma mudança total na vida das pessoas e no estabelecimento de novos valores e uma nova cultura que deve se basear principalmente na solidariedade entre as pessoas, não no egoísmo e no individualismo.

Conversas sobre solidariedade e a necessidade de fundar a sociedade cubana na moralidade comunista se consolidaram. Este foi o contexto doméstico da Batalha das Ideias. Ao longo dos últimos vinte anos desde que a Batalha de Ideias foi lançada, muita coisa mudou.

Cuba foi resgatada brevemente de sua desolação pela chegada do projeto bolivariano na América Latina. Em 1999, quando os cubanos iniciaram a Batalha de Ideias, Hugo Chávez, recém-eleito da Venezuela, visitou Havana e disse: "A Venezuela está viajando para o mesmo mar que o povo cubano, um mar de felicidade e de verdadeira justiça social e paz". Em 2004, Cuba e Venezuela iniciaram o comércio solidário, que incluiu a

construção de um cabo de fibra ótica da América do Sul até a Cuba embargada. O comércio aumentou, com o petróleo venezuelano fluindo para a ilha enquanto esta prestava uma bem-vinda assistência técnica na Venezuela. Esse período, no entanto, foi de curta duração. O ataque imperialista à Venezuela e a Cuba veio com força, com a atual crise na Venezuela tendo um sério impacto sobre a ilha caribenha.

Francis Fukuyama, funcionário do Departamento de Estado dos EUA, fez retratações sobre seu ponto de vista. De certo modo, ele adiou o fim da história. Agora, livros são levados a sério quando sugerem que a desigualdade de renda e riqueza está em níveis obscenos. A crise de crédito de 2007-2008 fez muitos comentaristas sérios sugerirem que as ideias de Karl Marx precisam de uma segunda chance. Nas terras centrais do Ocidente, os políticos socialistas tiveram um novo começo, enquanto os protestos com sementes de teoria marxista irromperam de Oakland (Califórnia) a Paris (França). Sinais de uma hegemonia desgastada torna-se cada vez mais evidentes à medida que a burguesia recorre ao gás lacrimogêneo e a armas de choque. As pessoas agora popularmente conhecidas como 1% não mais fingem ter respostas para os problemas do planeta. Poucos acreditam que a privatização e o empreendedorismo são os caminhos do futuro. Até bilionários têm dúvidas de que conseguirão controlar a ordem mundial. Seus condomínios fechados – defendidos por altos muros e guardas armados – não serão suficientes à medida que as águas da mudança climática subirem e as multidões de uma sociedade atomizada correrem em direção a elas. Cenas do ataque israelense aos

palestinos na barreira de Gaza e do ataque dos EUA contra os hondurenhos na barreira do Rio Grande são uma amostra do que já aconteceu. A história não terminou. Continua, a dialética oscilando entre a Ordem do presente e a Esperança por um futuro.

Parte II:
O que sabe o rato.

Em sua décima primeira tese sobre Feuerbach, de 1845, Karl Marx escreveu uma frase que desde então se tornou merecidamente célebre: *os filósofos até agora apenas interpretaram o mundo; o mais importante, no entanto, é transformá-lo.* O que Marx queria dizer era evidente – que os intelectuais de seus dias se dedicavam a interpretar a história humana. Eles não pareciam querer mudar nada. As desigualdades do capitalismo não os incomodavam. Dois anos antes, Marx havia oferecido um slogan em latim – *muta pecora, prona et ventri obedientia* –, a manada é silenciosa, submissa e obedece ao seu estômago. Essa atitude tinha que acabar. A terceira tese de Marx sobre Feuerbach é frequentemente ignorada – é essencial educar o próprio educador. Como educar o educador, o intelectual? Por "prática revolucionária", escreveu Marx. A ideia de "prática revolucionária" refere-se tanto a uma atitude em relação à sociedade quanto a uma obrigação de participar da transformação da sociedade. Essa atitude em relação à sociedade, essa postura, sugere que as formas sociais não são eternas e imutáveis. Elas estão sempre em movimento. E se estão em movimento, então é possível lutar para torná-las mais humanas. Essa é a tarefa do intelectual.

Marx achava impossível negar o desejo de mudança. Foi esse desejo de transformação que levou intelectuais, como ele, a irem à raiz do porquê as coisas eram tão desiguais e miseráveis. Não foi apenas a rejeição aos métodos burgueses e o desejo de criação de um novo sistema de conhecimento que os levou à verdade. Seu novo método – o marxismo – não poderia ser composto apenas de melhores ferramentas, mas tinha que

produzir ferramentas baseadas em uma plataforma totalmente diferente. Tinha que olhar a realidade de uma perspectiva histórica e ver os conceitos como provisórios para seus tempos, historicamente específicos. Tinha que entender que as estruturas humanas e os processos sociais vêm de algum lugar e são, portanto, capazes de ir para outro lugar.

Essa foi uma lição que envolveu as gerações posteriores a Marx, à medida que intelectuais de diferentes origens de classe e nacionalidades se voltaram às suas sociedades para aprender sobre elas e transformá-las. A possibilidade de um intelectual emancipatório havia chegado.

Mas esse tipo de pensamento intelectual – acadêmico ou artístico – era minoritário. A maioria dos intelectuais não se lançou no movimento emancipatório. A tentação de compromissos mais antigos – hierarquia social, dinheiro e Deus – não foi fácil de evitar. O comentário amargo de Marx sobre aqueles que apenas interpretavam o mundo, mas não buscavam mudá-lo, estava voltado para uma classe específica de intelectuais. São aqueles que se destacam do mundo, que veem a si mesmos e a seu trabalho intocados pela desordem da desigualdade e da guerra, do sofrimento e da luta. Esses intelectuais faziam parte de instituições, mas as viam como um acampamento de base do Monte Olimpo – onde os Deuses viviam – e não um produto do Estado e da sociedade que usavam a mais-valia para construir essas instituições.

Tais professores tiveram grandes ideias. Mas quem limpou

seus escritórios? Quem fez a pesquisa deles? Quem entregou seu tempo de trabalho excedente que foi então usado para dar lazer ao professor? Quem? Esses professores não se importam. Esses professores sentem que a vida lhes deve liberdade e que podem pensar e fazer o que quiserem. Esses professores não têm obrigações para com o mundo. Esses professores escrevem sobre o mundo, mas se veem como seres divinos acima das contradições do mundo que produzem os repositórios acadêmicos.

Tal postura de desapego é possível. Está conosco há séculos. Há a proteção dos altos muros e diplomas, por guardas de segurança e por jargões. De fato, como Frantz Fanon escreveu, o jargão é perigoso. "O negócio de obscurecer a linguagem", escreveu Fanon, "é uma máscara por trás da qual se destaca o negócio muito maior do saque". O intelectual precisa deixar a estrutura clara. O rato, enquanto isso, que mastiga as anotações do professor, sabe que os intelectuais vivem no mundo, que estão enraizados no mundo, que têm seus próprios hábitos de classe e que possuem seus próprios instintos de classe. Intelectuais comprometidos com os projetos da classe trabalhadora e dos despossuídos sabem, nas palavras de Fanon, que "tudo pode ser explicado às pessoas, na única condição que você realmente queira que elas entendam".

O melhor desses intelectuais quer entender o mundo para extrair dele explicações históricas ou trans-históricas para aquilo que veem ao seu redor. Mas, a maioria deles, no tempo de Marx, e em nosso próprio tempo, escreve sobre o mundo

sem um senso de transformação daquilo que observam. Deles são textos de interpretação, textos que começam com uma atitude em relação à realidade que sugerem sua natureza intratável. Mesmo aqueles que sentem um problema e querem mudar as coisas não necessariamente estudam a realidade em movimento, a realidade com a possibilidade de transformação. Para tomar essa posição, Marx sugeriu nessa sentença-chave (*os filósofos até agora apenas interpretaram o mundo; o mais importante, no entanto, é transformá-lo*) acreditar fundamentalmente na possibilidade de mudança e rastrear dentro do presente as pistas para um futuro emancipado.

Meio século depois de Marx escrever essa linha, o militante comunista italiano Antonio Gramsci retornou ao tema do intelectual emancipador. Gramsci sabia com clareza que não havia um tipo de intelectual, mas muitos tipos de intelectuais. Não se pode presumir que a atividade intelectual conduza inexoravelmente à fidelidade ao socialismo. A maioria dos intelectuais – observou Gramsci – ou era avessa a qualquer mudança ou não se via como conservadora ou emancipatória, mas como um pensador técnico. Para esse fim, Gramsci oferece um útil conjunto de distinções entre intelectuais orgânicos, intelectuais tradicionais e intelectuais de um novo tipo.

Os intelectuais não são uma classe por si mesmos. Eles estão enraizados na classe da qual emergem; eles desenvolvem compromissos com a sua classe de origem ou desenvolvem novos compromissos para diferentes classes. Gramsci, escrevendo na prisão, é claro sobre este ponto:

Todo grupo social nascido no terreno de uma função essencial no mundo da produção econômica cria junto a si mesmo, organicamente, um ou mais estratos de intelectuais que lhe confere homogeneidade e consciência de sua própria função não apenas no campo econômico, mas também no social e político. O empresário capitalista cria ao lado o técnico industrial, o especialista em economia política, o organizador de uma nova cultura, de uma nova ordem jurídica etc.

Cada classe, portanto, produz seus intelectuais. A classe capitalista fabrica o economista neoliberal ("especialista em economia política") e o executivo publicitário ("o organizador de uma nova cultura"). Cada um desses intelectuais se coloca como neutro, para além da classe, como cientistas da realidade. Mas, na verdade, eles são governados por uma certa posição de classe, uma certa visão do mundo que é moldada pelos interesses e necessidades da classe capitalista. É o economista capitalista que, por exemplo, insistirá que a fome no mundo é resultado da escassez. Ele não gostaria de reconhecer o fato de que o mundo produz 150% das necessidades alimentares. O campesinato tem seus próprios intelectuais – agricultores que entendem de doenças e do clima, que são consultados por outros agricultores sobre acidentes no campo ou dão conselhos sobre irrigação. Estes são intelectuais do campesinato. Cada intelectual é orgânico para sua classe. Estes são os **intelectuais orgânicos**. Esses intelectuais, observou Gramsci, dão "homogeneidade e consciência de sua própria função" às suas respectivas classes.

É, no entanto, o intelectual das classes dominantes aquele capaz de estabelecer suas visões da vida social como visões universais. Eles são capazes de esconder seu preconceito de classe através das pretensões de uma ciência social, estabelecer categorias e conceitos que parecem puros e não congelados no interesse das classes dominantes. Na economia *mainstream*, por exemplo, a escassez é o conceito que molda a disciplina. Se a escassez é o conceito principal, a disciplina faz a seguinte pergunta: como melhor distribuir bens escassos, cuja a resposta é "pelo mercado". Mesmo esse "mercado", no entanto, não é um termo neutro. Ele esconde em si mesmo que é moldado pela estrutura social, por aqueles que são poderosos o suficiente para defini-lo. "Opções de mercado" significam, por exemplo, que aqueles que estão com fome, mas que não têm dinheiro, não devem ser autorizados a comer. Em nosso tempo, de acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, cerca de um bilhão de pessoas estão com fome, o que é um número muito conservador. A própria Índia tem cerca de 700 milhões de pessoas passando fome. Os mercados, dizem os economistas do mainstream, definem os preços, e os preços são a melhor maneira de alocar recursos. Isso é visto como uma proposição neutra, quando na verdade é uma visão dos intelectuais que são orgânicos às classes dominantes.

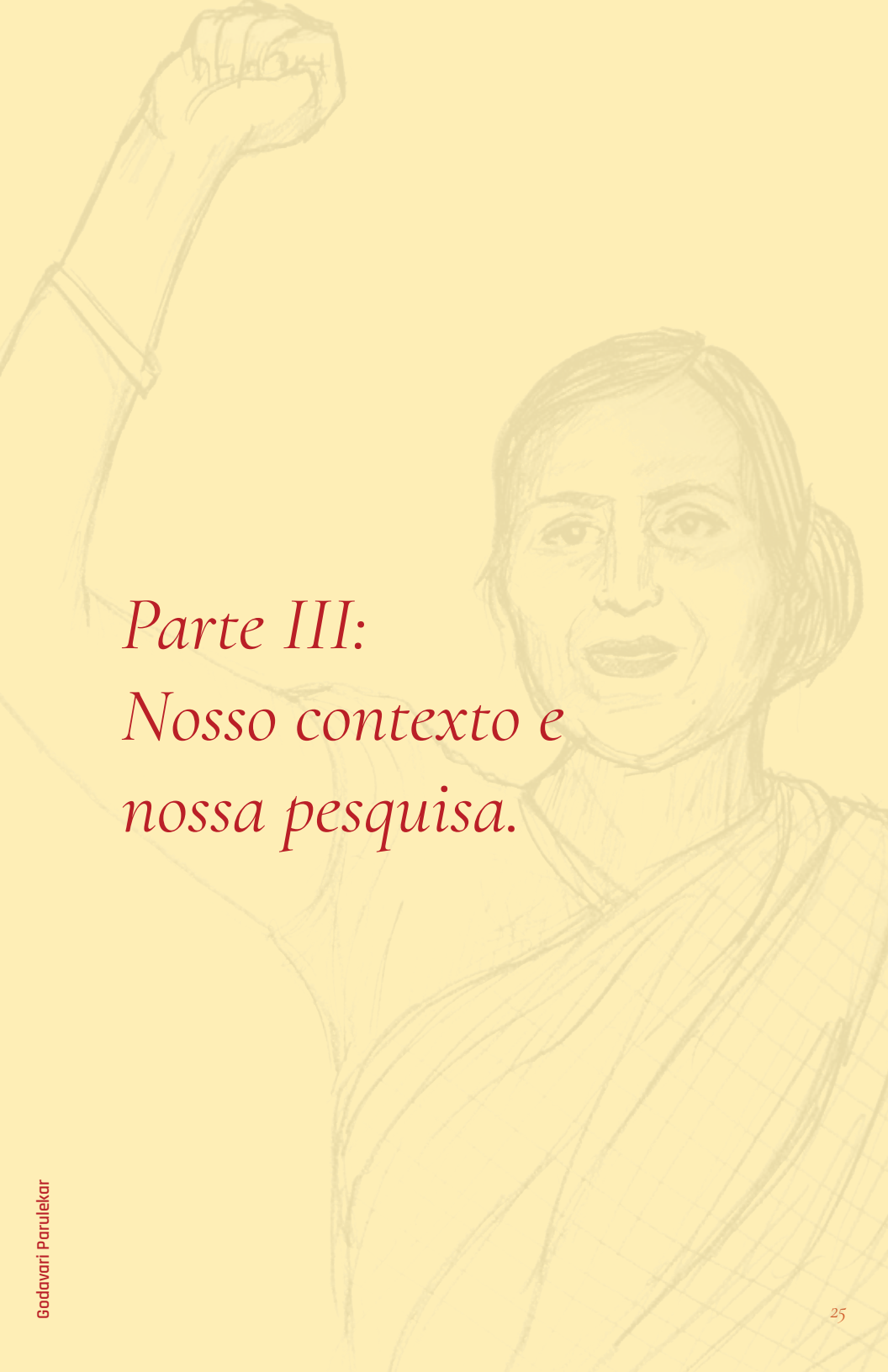
Outros intelectuais, que estão enraizados na visão de mundo de outras classes, como o campesinato, podem perguntar: como pode ser que aqueles que cultivam a comida não possam comer a comida? Como é que o mundo produz mais do que desejos de fome? O que acontece com o resto da comida? Por que os

governos a destroem antes de poder alimentar os famintos? Essas são questões fora das pretensões do mundo intelectual criadas pelos intelectuais que adotaram a perspectiva de classe do bloco de elite.

O intelectual do campesinato não é levado tão a sério quanto o da classe capitalista. Em cada formação social, a classe dominante determina o que é lógico e tido como verdadeiro. Portanto, os intelectuais da classe dominante são vistos como os intelectuais reais, como os **intelectuais tradicionais**. O economista e o publicitário são os intelectuais tradicionais da ordem, mas também os que são vestígios da era mais antiga, como padres e proprietários de terras.

Para Gramsci, nem os intelectuais orgânicos nem os intelectuais tradicionais são inerentemente conservadores ou radicais. Tipicamente, intelectuais tradicionais – sendo enraizados em sua classe dominante – são conservadores e contra mudanças sistêmicas que chacoalhem a ordem social. Os intelectuais orgânicos de diferentes classes são muitas vezes governados pelo modo de pensamento produzido pelos intelectuais tradicionais, de modo que eles também são frequentemente conservadores e não estão entusiasmados com a mudança. Intelectuais do campesinato que se tornam padres ou advogados são cercados pelo conservadorismo social das instituições religiosas e judiciais. Isso reflete o comentário de Marx e Engels em *A Ideologia Alemã*, "as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes".

No entanto, existem alguns intelectuais orgânicos do povo trabalhador que veem as condições de sua classe, interpretam-nas contrapondo-se às ideias dominantes e produzem uma compreensão radical do mundo. Seus pontos de vista emergem, mas podem se dissipar, a menos que estejam enraizados em um movimento social ou político, de preferência em algum tipo de partido político. Gramsci chama esses intelectuais de **novos intelectuais**, aqueles que se lançam à "participação ativa na vida prática, como construtor, organizador, persuasor permanente". O novo intelectual, observa Gramsci, é a pessoa que se dedica a trabalhar para aliviar as queixas do povo, para elaborar a consciência popular, para empurrar a estreiteza sufocante do pensamento para o exterior e construir mais e mais espaço para que as lutas populares se sustentem e vençam. Esses novos intelectuais não são necessariamente marxistas, mas certamente investem nas principais lutas do povo e estão convencidos da necessidade de lutar para construir um mundo socialista.



Parte III: Nosso contexto e nossa pesquisa.

Godavari Parulekar

Em 1935, o dramaturgo alemão e marxista, Bertolt Brecht, escreveu um pequeno texto sobre capitalismo e fascismo: "Aqueles que são contra o fascismo sem serem contra o capitalismo estão dispostos a comer o bezerro, mas não querem ver o sangue. Eles ficam facilmente satisfeitos se o açougueiro lavar as mãos antes de pesar a carne. Eles não são contra as relações de propriedade que geram a barbárie; mas são contra a barbárie".

As "relações de propriedade" referem-se ao capitalismo – no qual uma pequena minoria da população mundial detém a vasta massa de riqueza social (terra, trabalho e capital). Essa riqueza social é usada homeopaticamente para contratar seres humanos e explorar a natureza não por qualquer outra razão que não seja ganhar dinheiro por dinheiro, ou seja, com fins lucrativos. A preocupação com os seres humanos e a natureza não impulsiona o investimento desse capital, ganancioso por sua natureza.

Este capital se distancia da vida humana, ansioso por acumular mais e mais capital a todo custo. O que motiva os poucos – os capitalistas – é aumentar seus lucros buscando maior lucratividade.

Em ciclos, os capitalistas acham que não há investimentos fáceis e seguros que garantam lucros. Essa crise de rentabilidade leva a dois tipos de greves:

(1) Primeiro, uma **greve fiscal**, em que os capitalistas usam

seu poder político para reduzir a carga tributária sobre si mesmos e aumentar sua riqueza.

(2) Segundo, uma **greve de investimento**, em que os capitalistas deixam de investir no setor produtivo, e, em vez disso, estacionam sua riqueza especulativamente para preservá-la.

Essas greves dos capitalistas retiram a riqueza produzida socialmente do uso social e secam as perspectivas econômicas de um grande número de pessoas. Com o aumento da automação e da produtividade, os capitalistas começam a substituir as máquinas por trabalhadores ou então deslocam os trabalhadores buscando mais eficiência para o processo produtivo. Nesse caso, os investimentos são feitos – em máquinas e melhorias no local de trabalho – mas estes têm o mesmo impacto na sociedade que a greve de investimento, ou seja, menos pessoas são empregadas e mais ficam permanentemente sem trabalho.

Altas taxas de lucro e desigualdade social, juntamente com as aspirações por uma vida melhor em grandes setores da população enfraquecidas, criam uma séria crise de legitimidade para o sistema. As pessoas que trabalham duro, mas não veem seu trabalho recompensado, começam a duvidar do sistema, especialmente se não conseguem ver uma saída das "relações de propriedade" que as empobrecem. Os principais políticos que defendem as "relações de propriedade" e que apelam aos desesperados para que se tornarem empreendedores não são mais considerados confiáveis.

Esperamos fornecer exemplos de um futuro possível, construído para atender às aspirações das pessoas, além de compartilhar presságios desse futuro que já existe hoje.

Os Homens Fortes – como Trump e Bolsonaro – entram onde tal futuro não parece possível. Eles menosprezam os políticos convencionais por seus projetos fracassados, mas também não oferecem uma solução coerente para as crises crescentes. Em vez disso, os Homens Fortes culpam os vulneráveis pelas fracas aspirações da vasta maioria. Entre esses vulneráveis estão as minorias sociais, migrantes, refugiados e qualquer pessoa que não tenha poder social. As presas dos Homens Fortes são mostradas aos fracos, que ganham a ira daqueles que têm altas aspirações, mas não conseguem satisfazê-las. As guerras imperialistas que decorrem de um arco que começa na Ásia Central e vai para a América do Sul se intensificam. A cortina de fumaça da intervenção humanitária permite vislumbrar a realidade da recolonização e do roubo de recursos. Os Homens Fortes aproveitam as frustrações das pessoas sem oferecer uma saída razoável para uma situação de alta desigualdade e turbulência econômica.

Uma teoria para explicar o problema é a do **subconsumo**. O conteúdo geral desta teoria é que os bens que estão sendo produzidos não podem ser comprados pelas pessoas, uma vez que elas não têm renda suficiente. Esse é um problema de demanda. Se existe uma maneira de aumentar o dinheiro dado às massas, elas podem aumentar o consumo e salvar o capitalismo de sua crise.

Uma abordagem em relação a esse problema de subconsumo é aumentar a oferta de crédito privado para que as pessoas se sintam incentivadas – por meio da publicidade – a viver além de sua renda. Eles vão se endividar, mas seu consumo – espera-se – estimulará a economia a sair da crise. Eventualmente, essas pessoas não serão capazes de pagar suas dívidas. Sua dívida será inflada e criará sérios problemas sociais. Os governos serão obrigados a pedir emprestado para tirar o fardo das costas dos bancos – quando os devedores forem à falência. Esses empréstimos fazem com que os governos neoliberais criem mais programas de austeridade contra gastos sociais. A entrega de crédito privado para resolver o problema do subconsumo geralmente termina com austeridade social.

Uma segunda abordagem em relação a esse problema de subconsumo é que o governo conceda um incentivo econômico aos consumidores por meio de cortes de impostos ou por meio de um esquema de transferência direta de renda. De qualquer maneira, o governo entrega seu dinheiro ao povo e incentiva-o a comprar bens e estimula a economia. Mais uma vez, é o governo que se endivida para salvar o capitalismo. De novo, a dívida vai aumentar, e o governo terá que entrar em um programa de austeridade para apaziguar os credores e o FMI. A austeridade social será a resultante, e mais uma vez irá tolher o poder de compra das pessoas.

O ciclo continuará, como ocorreu da Argentina à Indonésia.

Tanto os indivíduos quanto as famílias ou o Estado se endividam

para aumentar o consumo agregado e salvar o capitalismo de si mesmo. Por esse método, ao capital não é solicitado *sacrificar* nada. É permitido a ele perseguir a estratégia de rentabilidade.

O capital procura aumentar sua lucratividade por diversos meios, tais como:

(1) Substituição de pessoas por máquinas ou tornar seus empregados mais eficientes. Isso permite que empresas contratem menos, aproveitem ganhos de automação e produtividade e alavanquem sua concorrência efetiva para eliminar concorrentes.

(2) Transferência de fábricas para áreas onde os salários são mais baixos e onde regulamentações do local de trabalho e do meio ambiente estão suprimidas.

(3) Diminuição da carga tributária, fazendo greve fiscal e transferindo seu dinheiro para paraísos fiscais.

(4) Transferência de capital das atividades produtivas para atividades financeiras, comerciais e rentistas.

(5) Compra de ativos públicos a baixo custo, monetizando-os para obter lucro.

Essas estratégias permitem que os capitalistas aumentem sua riqueza, ao mesmo tempo que empobrecem o povo e a sociedade.

Ao povo é solicitado que seja patriota. Ao capital só é solicitado que seja rentável.

Para a esquerda, essa situação representa sérios desafios. O primeiro conjunto de desafios é encontrar uma maneira de organizar as pessoas que acham que sua sociedade está destruída e possuem expectativas confusas. O segundo conjunto de desafios inclui encontrar uma saída política desse sistema e suas limitações.

Quais são os desafios diante de nós para organizar as pessoas contra esse sistema intratável?

1) **Aspirações**. Ao longo das últimas cinco décadas, a mídia capitalista e a indústria publicitária criaram um conjunto de aspirações que romperam a cultura da classe trabalhadora e do campesinato, bem como os mundos culturais tradicionais do passado. Os jovens agora esperam mais da vida, o que é bom, mas essas expectativas são menos coletivas, com as esperanças individuais frequentemente ligadas a mercadorias de um tipo ou outro. Ser livre é comprar. Comprar é estar vivo. Esse é o lema do sistema capitalista. Mas aqueles que não podem comprar e que se endividam por causa de suas aspirações também estão constantemente decepcionados. É esse desapontamento que os Homens Fortes canalizam em direção ao ódio. Os movimentos de esquerda podem canalizar essa decepção e transformá-la em esperança produtiva?

2) **Atomização.** Cortes estatais de serviços sociais, maior privatização da vida social e o aumento astronômico da interação com o mundo digital agravaram a atomização da interação humana. Antes as pessoas trocavam ideias e bens, ajudavam-se mutuamente e se inspiravam; agora, há cada vez menos locais para interações face-a-face. A fragmentação da sociedade e o esgotamento das pessoas que buscam por sua sobrevivência tornaram mais difícil para a esquerda unir as pessoas para gerar uma mudança social. A televisão e as mídias sociais dominam o mundo da comunicação. Esses são meios controlados por empresas capitalistas monopolistas. A esquerda sempre contou com instituições da sociedade para serem transmissoras. À medida que essas ligações sociais se fragmentam, a esquerda se dissolve. Os movimentos de esquerda podem ajudar a reconstruir essas instituições e processos, essa sociedade que é nossa base?

3) **Outsiders.** Os Homens Fortes apontam seus dedos para os "de fora" – as minorias sociais, os migrantes, os refugiados e qualquer pessoa que seja socialmente desprovida de poder. É contra essas pessoas que a extrema direita é capaz de construir sua força. Não pode haver ressurgimento da esquerda sem uma defesa firme e completa desses outsiders, uma rejeição total das ideias fascistas de propagação de ódio e biologicistas, que saturam a sociedade. É mais difícil construir uma política de amor do que uma de ódio. Os movimentos de esquerda podem desenvolver uma política de amor que atraia as massas?

4) **Confiança.** A política do povo está enraizada na confiança. Se as pessoas não se sentirem confiantes em suas ações para reformar ou mudar o sistema, elas não serão ativas. Ondas de insatisfação muitas vezes levam a um aumento da confiança, mas mesmo aqui a ênfase não é a última pessoa que se soma a um protesto, mas as primeiras que fizeram a rede para construir o protesto. A decadência social leva a uma falta de confiança para fazer mudanças políticas, particularmente quando a sociedade sugere que a única mudança necessária é que todos se tornem empreendedores. Pode a esquerda produzir a sensibilidade de que um futuro é possível e gerar confiança entre as pessoas para lutar para construir esse futuro?

5) **Democracia sem democracia.** Em sociedades onde não há democracia, esse problema não é imediato. Ali, a tarefa é ganhar a democracia mais plena. Nas sociedades onde a democracia é a forma principal, ou onde há pelo menos uma ilusão de democracia, a oligarquia e o imperialismo usaram muitos métodos para miná-la, para dominar a sociedade sem suspendê-la. Os métodos utilizados são sofisticados, incluindo a deslegitimação das instituições do Estado, depreciação das eleições, uso de dinheiro para corromper o processo eleitoral, uso de mídia social e propaganda para destruir candidatos da oposição e utilização das instituições menos democráticas – tais como um judiciário não eleito – para corroer o poder das autoridades eleitas. Pode a esquerda defender a ideia de democracia a partir desse desgaste sem permitir que ela

significique apenas eleições e o sistema eleitoral?

Uma vez que as pessoas estejam organizadas para pressionar por um novo sistema mundial, qual é a estrutura de políticas que precisa ser adotada? É aqui que os intelectuais devem colocar seu coração e alma em ação. Precisamos pensar muito sobre as muitas maneiras criativas de usar nossa riqueza social para resolver os problemas imediatos da humanidade – fome, doenças, catástrofes climáticas. Precisamos encontrar maneiras de erradicar a base das guerras. Precisamos usar nossa criatividade para reconstruir o setor produtivo em torno de formas cooperativas. Precisamos usar a riqueza social para nos enriquecer culturalmente, criando mais lugares físicos para interagirmos, para produzir cultura e arte. Precisamos usar nossa riqueza social para produzir sociedades que não obriguem as pessoas a trabalharem para sobreviver, mas que permitam que elas trabalhem de forma subordinada à engenhosidade e à paixão humanas.

Uma das principais características do nosso instituto de pesquisa é desenvolver uma teoria do futuro. Quais elementos do futuro estão disponíveis hoje? Não é suficiente investigar os problemas do presente. É essencial que participemos do debate sobre como seria uma sociedade transformada. Para tanto, investigamos projetos no presente que incentivem novas formas de viver e de produzir. Uma das grandes desvantagens de nossa atual escalada de atrocidades é a sensação de que nada além desse pesadelo é possível. Alternativas não podem ser imaginadas. O cinismo deixa em segundo plano o pensamento

em um futuro diferente. Quando alternativas são colocadas em prática, como sempre são pelos seres humanos resilientes, aqueles que estão no poder se esforçam para extingui-las. É melhor para os poderosos e os proprietários que a nenhum modelo de alternativa seja permitido florescer. Isso colocaria em questão a afirmação de que o que governa o mundo agora é eterno, que a História acabou.

É cruel pensar que essas esperanças são ingênuas. Diz-se muito que é mais fácil imaginar o fim da Terra do que imaginar o fim do capitalismo, imaginar a calota polar nos inundando até a extinção do que imaginar um mundo onde a nossa capacidade produtiva nos enriqueça. Diz tanto sobre a humanidade que nos concentremos na aniquilação em vez de focar nos gestos do potencial humano que podem ser vislumbrados nas cooperativas de Kerala e no movimento dos trabalhadores excluídos na Argentina, que afastamos nossos rostos dos mundos construídos por trabalhadores sem-terra no Brasil e pelos moradores de favelas na África do Sul. Essas conquistas não devem ser desdenhadas, iniciativas não podem ser diminuídas. Nessas experiências podem ser vistas as sementes do futuro. Nelas reside o caminho alternativo da humanidade.

Tricontinental: Institute for Social Research
is an international, movement-driven institution focused on stimulating intellectual debate that serves people's aspirations.
www.thetricontinental.org

Instituto Tricontinental de Investigación Social
es una institución promovida por los movimientos, dedicada a estimular el debate intelectual al servicio de las aspiraciones del pueblo.
www.eltricontinental.org

Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
é uma instituição internacional, organizado por movimentos, com foco em estimular o debate intelectual para o serviço das aspirações do povo.
www.otricontinental.org